

## A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA O LETRAMENTO CRÍTICO: O GÊNERO CRÔNICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

*Augusto César de Almeida Barbosa* (UEMS)

[augustocsarr@gmail.com](mailto:augustocsarr@gmail.com)

*Daniel Abrão* (UEMS)

[danielabrao7@gmail.com](mailto:danielabrao7@gmail.com)

### RESUMO

A instituição escolar pública vem se deparando com a responsabilidade de tornar a aprendizagem da literatura mais próxima ao cotidiano do aluno, ou seja, mais significativa e interessante com relação aos letramentos, ao conhecimento e a dinâmica da informação. Neste contexto, a presente pesquisa propôs-se a discutir como as aulas de literatura podem contribuir para a construção crítica do conhecimento dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, de modo a já se prepararem para se tornarem cidadãos críticos no ambiente social, escolar e comunitário que os rodeiam. Esta pesquisa foi desenvolvida com alunos da 9ª série em contexto de uma escola pública, da cidade de Belo Horizonte-MG. O *corpus* da pesquisa para análise foi as produções do gênero crônica elaboradas em sua versão tradicional com escrita e reescrita e produção final. A análise consiste na descrição do processo de ensino-aprendizagem do gênero crônica, empregando algumas crônicas de dois dos principais escritores cronistas mineiros selecionados para a pesquisa. Nosso referencial teórico está fundamentado em estudiosos de literatura e crítica literária como: Arrigucci (1987) Candido (1995), Cosson (2014), Dolz e Schneuwly (2004), Fonseca (2017), Koch (2003), Kramer (2010), Marcuschi (2003), Mortatti (2004), dentre outros.

### Palavras-chave:

Ensino. Cidadãos críticos. Crônica literária.

### ABSTRACT

The public-school institution has been faced with the responsibility of making the learning of literature closer to the student's daily life, that is, more meaningful and interesting in relation to literacies, knowledge, and the dynamics of information. In this context, the present research proposed to discuss how literature classes can contribute to the critical construction of knowledge of students in the final years of Elementary School, so that they can prepare themselves to become critical citizens in the social, school and environment. community that surrounds them. This research was developed with 9<sup>th</sup> grade students in the context of a public school, in the city of Belo Horizonte-MG. The research corpus for analysis was the productions of the chronicle genre prepared in its traditional version with writing and rewriting and final production. The analysis consists of describing the teaching-learning process of the chronicle genre, using some chronicles from two of the main chronicler writers from Minas Gerais selected for the research. Our theoretical framework is based on literature and literary criticism scholars such as: Arrigucci (1987) Candido (1995), Cosson (2014), Dolz and Schneuwly (2004), Fonseca (2017), Koch (2003), Kramer (2010), Marcuschi (2003), Mortatti (2004), among others.

**Keywords:**

**Teaching. Critical citizens. Literary chronicle.**

**1. Considerações iniciais sobre o objeto de estudo**

A presente pesquisa tem por objetivo a análise do desenvolvimento da capacidade crítica com a escrita dos alunos do 9º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino, por meio do trabalho com o gênero textual crônica e da aplicação da metodologia da sequência didática de Dolz (2004), como ferramenta de desenvolvimento linguístico.

O gênero crônica é amplamente utilizado em contextos variados atualmente, o que torna seu estudo relevante para o ensino de leitura e escrita, assim como ao processo de letramento crítico, devido ao seu teor característico de tematização e de narrativa.

Na vivência em que o professor de literatura obtém diariamente em sala de aula, percebe-se a dificuldade dos alunos dos anos finais do ensino fundamental II com a leitura, a produção e a interpretação textual. Considerando este fato, torna-se essencial que os professores busquem novas metodologias a serem desenvolvidas em sala de aula voltadas para o letramento crítico dos alunos.

Partindo da premissa da contribuição da sequência didática de Dolz (2004) para a eficácia do ensino, essa pesquisa buscou averiguar as potencialidades e desafios na aplicação desta metodologia no contexto escolar. Para isso, foi realizado em primeiro momento o levantamento bibliográfico a respeito do surgimento e do desenvolvimento da crônica no Brasil, além da pesquisa teórica sobre sequência didática.

Assim, os objetivos gerais desta pesquisa apontam ao desenvolvimento da plena alfabetização do estudante, incluindo sua capacidade de criação e análise textual. Quanto aos objetivos específicos, pretendeu-se avaliar os resultados que a aplicação da metodologia de sequência didática produziria, conjugada ao gênero crônica, o qual considerou-se mais adequado ao pretendido pela pesquisa, dada a reflexão que o gênero faz em relação a temas presentes na sociedade cotidianamente.

Esta pesquisa justifica-se pela importância do papel do professor na formação do indivíduo enquanto cidadão e da imperiosidade em atuar frente aos obstáculos enfrentados pela educação, lançando mão e avaliando no contexto prático os métodos pedagógicos disponibilizados na atualidade

Este artigo foi dividido em nove itens. No primeiro, trataremos a definição de crônica e seus conceitos de maneira generalizada; no segundo abordaremos sobre o surgimento da crônica no Brasil; no terceiro apresentaremos dois cronistas mineiros selecionados para esta pesquisa; no quarto, falaremos sobre a formação de leitores críticos; no quinto, como o professor pode contribuir para o letramento crítico dos alunos; no sexto, como o gênero textual crônica pode ser utilizado para construção crítica; no sétimo, discutiremos os dados coletados; no oitavo, são incluídas análises e discussões dos dados do *corpus* obtidos nesse estudo e, no último, ainda as conclusões finais seguido as referências utilizadas.

Nosso referencial teórico está fundamentado em estudiosos de literatura e crítica literária como: Arrigucci (1987) Candido (1995), Cosson (2014), Dolz e Schneuwly (2004), Fonseca (2017), Koch (2003), Kramer (2010), Marcuschi (2003), Mortatti (2004), dentre outros.

## 2. *Definição de crônica, sua origem, características, tipos e noções gerais*

A palavra crônica origina-se do grego *khronos*, termo que designa o tempo em sua concepção linear. O gênero caracteriza-se por relatar um ou mais acontecimentos do cotidiano, em determinado tempo e em um período estabelecido, possui um número reduzido de personagens, ou mesmo nenhum, e seu tom é costumeiramente irônico, reflexivo, humorístico, lírico, crítico e/ou informativo (Cf. RIBAS *et al.*, 2009, p. 4).

Segundo Bender e Laurito (1993, p. 11), o termo “mudou de sentido em sua evolução, mas nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação”. Tal afirmação aponta como a temática da crônica contempla seu tempo, cumprindo, assim, seu objetivo.

A crônica é um gênero textual de tipo narrativo que ganhou seu sentido moderno no início do século XIX, na época da escola literária romântica, a partir de publicações em folhetins, as quais tratavam de diversos assuntos presentes na vida diária social da época, mas que tinha por principal finalidade entreter os leitores, proporcionando momentos de distração por meio da imaginação e reflexão socio-crítica. Segundo Bender e Laurito (1993, p.12), “a palavra crônica, ainda que posteriormente viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com

o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos”:

[...] Das duas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedades. E o que era este...? Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo”. (BENDER; LAURITO, 1993, p. 16)

Como indica a origem de seu nome, a crônica é um gênero textual que existe desde a antiguidade, que assumiu a função de resgatar a história do reino e de seus reis e que evoluiu ao longo do tempo. Segundo Fonseca (2020, p. 73), é na Idade Média que esse gênero passa a narrar acontecimentos, sejam fictícios ou verídicos, relacionados não mais exclusivamente à nobreza, mas à sociedade como um todo. Em meados do século XVI a crônica adquiria importantes características que a definem até os dias atuais, tais como brevidade, a forma livre e a subjetividade.

Aos poucos, ao sair das notas de rodapé do jornal, o folhetim vai ocupando todas as laudas em lugar de destaque, mas ainda comedida, com a característica de utilizar-se de subtítulos que costumam definir preliminarmente o argumento com o qual o colunista irá tratar. Em referência à modernidade na transmissão das notícias, Arriguetti Jr. (1987) afirma que:

A crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos. À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de um texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. (ARRIGUETTI JR., 1987, p. 52)

Ferreira (2008) em suas pesquisas observa a existência de 23 classificações para a crônica, quanto à sua tipologia. As crônicas são denominadas como descritivas, narrativas, narrativo-descritivas, metalinguísticas, líricas, reflexivas, dissertativas, humorísticas, teatrais, mundanas, visuais, metafísicas, poemas-em-prosas, crônicas-comentários, crônicas-informações, filosóficas, esportivas, policiais, políticas, jornalísticas, crônicas contos, crônicas ensaios e crônicas poemas. A autora critica um

número tão grande de classificações, o que evidenciaria, segundo ela, uma “falta de critérios tipológicos ou ausência dos mesmos” (FERREIRA, 2008, p. 362). Algumas das crônicas em que podemos notar suas características marcantes segundo a conceituação de Ferreira (2008), são:

- **Crônica descritiva:** predomina a caracterização de elementos no espaço. Utiliza-se dos cinco sentidos, adjetivação abundante e linguagem metafórica.
- **Crônica narrativa:** predomina uma história envolvendo personagens e ações (enredo) que transcorrem no tempo.
- **Crônica lírica:** apresenta linguagem poética e metafórica, predominando a emoção e os sentimentos.
- **Crônica reflexiva:** o autor tece reflexões filosóficas, isto é, analisa subjetivamente os mais variados assuntos e situações.
- **Crônica humorística:** normalmente, trata de assuntos políticos ou de certos costumes sociais, de maneira crítica e bem-humorada.
- **Crônica-comentário:** comentário dos acontecimentos, que acumula muita coisa diferente ou díspar. (FERREIRA, 2008, p. 263-363).

Fontel (2019) identifica cerca de 30 tipos de crônica. Essa profusão de categorizações ele atribui à origem do gênero, que mescla literatura e jornalismo, e aponta:

O folhetim, que, no início, servia de habitação para a crônica, a ela sucumbiu e passou a reinar absoluta nos jornais. Como tinha o compromisso com as raízes folhetinescas, o cronista tinha de criá-la, em parte, com remissão ou alusão aos principais assuntos do período. Atribui-se a esse aspecto as razões da diversidade de temas sobre os quais versavam. Esses, por sua vez, variavam muito, pois estavam em sintonia com os acontecimentos relevantes da sociedade em um certo período de dias. Assim, como os acontecimentos variavam, os assuntos das crônicas também se diversificavam e, em virtude disso, ampliavam-se as categorizações desse gênero discursivo baseadas nos vários assuntos de que tratavam. (FONTEL, 2019, p. 16)

O autor cita algumas das diversas categorias de crônicas que encontrou, tais como: descritiva, narrativa, narrativo-descritiva, metalinguística, lírica, reflexiva, dissertativa, humorística, teatral, mundana, visual, metafísica, filosófica, esportiva, jornalística, literária, política, crônica-conto, crônica-ensaio, crônica-poema, crônica de comentário, de informação, de viagem e/ou de viajantes, entre outras. Para Fontel (2019) a heterogeneidade tipológica característica na crônica brasileira pode, muitas vezes, dificultar a identificação do tipo textual que se pretende analisar.

Fato é que, dentre estes muitos arranjos, o que especialmente interessa-nos no desenvolvimento do trabalho com os estudantes em sala de aula é seu gênero discursivo que mescla conteúdo dos estilos de discurso literário e jornalístico. Com estas feições, o gênero crônica oferece debates sobre questões políticas, sociais, culturais, estéticas etc. Partindo de situações corriqueiras do dia a dia da população em geral.

### **3. O surgimento da crônica no Brasil**

Muitos estudiosos consideram a carta de Pero Vaz de Caminha a D. João VI a primeira crônica escrita em solo brasileiro, outros afirmam que esta não pode ser considerada uma obra literária, haja vista seu caráter de relatório. Entretanto, o que torna possível sua definição como crônica é o fato de o texto possuir características marcantes do gênero, tais como registros circunstanciais, relatos descrevendo problemas, particularidades e minúcias da viagem. Tais características estão presentes no tipo denominado “crônica de viagem”.

A principal razão para essa mudança pode ser atribuída a uma realidade editorial nova, em que a crônica deixou de ser apenas publicada em periódicos e ganhou as páginas dos livros. Na década de 1930 em diante, cada vez mais coletâneas foram organizadas no Brasil pelos cronistas, competindo com outros gêneros, sobretudo o conto e o romance. A crítica, ainda alojada nos rodapés de jornais, reagira imediatamente, condenando a invasão. Contudo, com o passar do tempo, quando não só livros, mas editoras foram criadas para esse fim na década de 1960, a crônica tornou-se um gênero perceptível, disponível de maneira mais abrangente para a leitura, na medida em que ela deixaria de estar em transição, superando as condições efêmeras de sua origem no jornal e emergindo na materialidade dos livros literários.

Fonseca (2020, p. 72) explica que essa polêmica em torno do padrão textual da carta não ocorreu apenas com o documento, mas com o gênero crônica como um todo. O motivo para isso se dá devido à ampla diversidade presente de estilos, sendo possível encontrar crônicas com características de conto, reflexivas, jornalísticas e até carregadas de lirismo.

Em uma segunda abordagem sobre como nasceu a crônica no Brasil, Soares (2014, p. 32 e 33) afirma que o gênero surgiu a partir de 1859 em revistas e periódicos publicados por Machado de Assis, que mais tar-

de viera a se tornar um dos grandes cronistas do país. Nesses textos eram encontradas características peculiares do gênero crônica, como textos breves e narrativos de situações cotidianas da época, de forma emocional e detalhada.

#### **4. *Dois dos principais cronistas mineiros***

O primeiro cronista, um dos maiores nomes da literatura brasileira, é o autor mineiro Carlos Drummond de Andrade, que nasceu em Itabira, interior de Minas, a 31 de outubro de 1902. De família de fazendeiros decadentes, estudou na cidade de Belo Horizonte, formando-se em Farmácia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Iniciou a carreira de escritor como colaborador do jornal *Diário de Minas*, que reunia simpatizantes locais do movimento modernista mineiro.

Considerado um dos mais importantes e influentes poetas brasileiros, Drummond também foi renomado cronista e contista. Fez parte da segunda geração modernista, porém sua obra não se limitou a uma única escola literária. Sua produção abrangeu temas diversos, que iam de tópicos existenciais a assuntos políticos e mesmo corriqueiros. Frequentemente utilizando-se de ironia, Drummond expõe de acordo com suas personagens a vida no país, com seus tipos característicos, virtudes e desafios do cotidiano. Algumas de suas mais destacadas crônicas foram: “A Bolsa e a Vida” (1962); “Boca de luar” (1984); “Cadeira de balanço” (1966) e; “De notícias e não notícias faz-se a Crônica” (1974).

O segundo cronista selecionado foi representante da terceira fase modernista. Fernando Sabino é tido como um dos maiores cronistas do Brasil. Nascido em 12 de outubro de 1923, em Belo Horizonte-MG. Tomou a decisão de ser escritor ainda na infância, escrevendo seus primeiros contos com apenas 12 anos de idade.

No ano de 1941, aos 18 anos, lançou seu primeiro livro: “Os grilos não cantam mais”. No ano seguinte inicia contato por cartas com o paulista Mario de Andrade, que trocava correspondência com Sabino até o fim da vida. Paralelamente à carreira de escritor, ingressou nesse mesmo ano na Faculdade de Direito da UFMG, em Belo Horizonte, finalizando o curso no Rio de Janeiro, para onde o autor se mudou em 1944. No Rio, torna-se amigo de Vinicius de Moraes, com quem viaja aos Estados Unidos.

Em Nova Iorque trabalha no Escritório Comercial do Brasil. É apenas em 1957 que Sabino decide viver exclusivamente como escritor. Ao lado de Rubem Braga e Walter Acosta funda a Editora do Autor, em que publica importantes nomes da literatura sul-americana.

Dentre suas inúmeras obras de crônicas publicadas, possuem destaque: “A cidade vazia” (1950); “A companheira de viagem” (1950); “A falta que ela me faz” (1980); “A volta por cima” (1990); “O Galo Músico” (1999) e; “Livro aberto” (2001).

Com a seleção desses nomes aqui apresentados estão dois cronistas mineiros que foram selecionados com o intuito de serem mais bem trabalhados na realização da pesquisa em sala de aula com os alunos do 9º ano. Com a ação, foi possível notar o desenvolvimento do gênero com suas peculiaridades.

Com o tempo, a crônica popularizou-se, sendo lida e compreendida pelas massas, mantendo suas principais características, tais como:

- Textos curtos e de fácil compreensão;
- Linguagem simples e descontraída;
- Análise crítica sobre contextos e circunstâncias;
- Humor crítico, irônico e sarcástico; e
- Linha cronológica estabelecida.

Todas estas características, aliadas à construção ou representação da identidade nacional que, como vimos, fez com que o gênero adquiriu particularidades que fazem deste tipo de texto uma ferramenta plenamente adequada para o trabalho pensado e planejado para a sala de aula, com vistas a trazer aos estudantes temas relevantes para seus cotidianos, desenvolvimento de letramento crítico e da capacidade de autoexpressão.

##### **5. A formação de leitores críticos com o ensino da literatura**

De acordo com Colomer (2000), a crescente alfabetização do mundo ocidental, a progressiva ampliação da escolaridade em um período de vida cada vez mais prolongado, a entrada da literatura infantil e juvenil no âmbito escolar e o aumento de oferta editorial de livros literários são fatores que permitem a meninos e meninas o contato com a literatura infantojuvenil. Por isso, do ponto de vista pedagógico, o conhecimento



dessa literatura resulta de forma indispensável para a compreensão do itinerário que os alunos seguem em sua aprendizagem mediante obras literárias críticas. Além disso, o aluno que cria o hábito da leitura desenvolve um senso crítico maior, pois consegue desenvolver mais suas concepções, opiniões e formas de pensar e agir. Também podem explicar de maneira mais satisfatória suas ideias e fazerem-se compreender melhor.

É no processo de interação que se notam as diferentes características linguísticas que o aluno traz para a escola, uma vez que ele já interage de com outras pessoas fora da escola no seu meio social. Na escola, pode haver predominância da inserção da norma padrão. Entretanto, ressaltamos que diferentes falares aparecem no processo de interação aluno-professor em uma fala menos controlada.

O estigma gerado pelas versões linguísticas menos hegemônicas é acompanhado pela ideia de que o brasileiro nativo não fala português, e que esta é uma língua muito difícil, o que significa que está arraigada a ideia de que estudar português significa apenas estudar regras gramaticais.

Acontece que, de fato, em algumas escolas, a linguística pedagógica é ineficaz, e os professores sem uma formação / competências em linguística e ciências sociais são por vezes vistos como negativos.

Pode-se dizer que um mundo sem literatura seria desprovido de sentimentos, paixões e lógica, o que afetaria a forma como a sociedade se organizaria. As manifestações artísticas, por sua vez, ajudam o homem a organizar o seu próprio interior caótico, sendo a literatura é uma dessas manifestações.

Segundo Carneiro (2001),

A leitura é [...] necessária. E a escritura também. É o que vamos aprender na escola: leitura e escrita. E a nossa língua materna reveste-se, assim, de uma nona função: a de língua de cultura. Com ela vamos adquirir novos conhecimentos e apreender a pensar criticamente a realidade. Estaremos, desse modo, construindo nossa educação, inacabada e transformadora. (CARNEIRO, 2001. p. 41)

Mudam-se os valores, as crenças, as práticas sociais e, com isso, o processo educativo do ser passa a ter outra perspectiva, outro foco. De acordo com as perspectivas destes autores, podemos afirmar que a literatura é essencial para a formação de um cidadão crítico, pois é nela que despontam a curiosidade e a imaginação, fatores primordiais para o despertar do interesse pela leitura.

O processo de ensino de literatura e escrita pode e deve ser vinculado ao projeto de transformação social, o qual se faz sumamente necessário na sociedade atual, que passa pelo auge da era do consumismo e do imediatismo. De acordo com Silva (2009), “a presença de leitores críticos é uma necessidade imediata, de modo que os processos de leitura e os processos de ensino da leitura possam estar diretamente vinculados a um projeto de transformação social”. O autor esclarece a respeito da leitura crítica, destacando que:

As teorias clássicas na área da leitura explicitam três posturas distintas para um leitor na sua interação com os textos: *o ler as linhas*, *o ler nas entrelinhas* e *o ler além das linhas*. Acreditamos que é exatamente esta terceira postura, a de ler além das linhas, que melhor caracteriza o trabalho de interlocução de um leitor crítico. A ele interessa ir além do reconhecimento de uma informação; ir além, nesse caso, significa adentrar um texto como o objetivo de refletir sobre os aspectos da situação social a que esse texto remete e chegar ao cerne do projeto de escrita do autor. Mais especificamente, o leitor crítico deseja compreender as circunstâncias, as razões e os desafios sociais permitidos ou não pelo texto. Daí os procedimentos de peneiramento, as atitudes de reflexão e questionamento e os processos de julgamento típicos da criticidade em leitura. (SILVA, 2009)

Outro autor que defende a ideia de formação crítica é Paulo Freire (1979), que afirma que a educação crítica vivenciada por ele considera a pessoa inacabada como objeto do processo educativo e que o pensamento crítico pode tornar-se uma ação transformadora em um contexto educacional, por isso possui um caráter revolucionário, como diz a educador:

“A educação crítica considera os homens como seres em devir, como seres inacabados, incompletos em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela. [...] O caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja ‘uma atividade contínua’. A educação é deste modo, continuamente refeita pela práxis. [...] A educação problematizadora – que não aceita nem um presente bem conduzido, nem um futuro predeterminado – enraíza-se no presente dinâmico e chega a ser revolucionária”. (FREIRE, 1979, p. 42)

Tendo em conta o que foi dito acima, a leitura deve ser incentivada, não exigida; o aluno precisa ser convencido, motivado a gostar de ler, atraído pelo texto literário como sujeito crítico. Do contrário, na memória destes alunos futuramente, a prática da leitura parecerá estar associada à cópia, à avaliação da interpretação de um texto e a um pretexto para o ensino da gramática; enfim, algo cansativo e sem sentido que os levará a tornarem-se leitores mecanizados e acrícos. Portanto, os professores precisam diagnosticar a relação de seus alunos com a leitura, examinar seus gostos e interesses, disponibilidade de tempo para a leitura, valorizar

suas histórias de leitura, criar espaços e metodologias que os aproximem do livro, objetivando assim alcançar neles o propósito que é o ensino da literatura enquanto formadores de leitores críticos.

## **6. *O professor como contribuinte para o letramento crítico literário***

Ser professor é exercer uma atividade complexa e que demanda reflexão, exigindo a devida sensibilidade para a formação de cidadãos por meio de um processo educacional que há anos vem atravessando uma longa crise. Como formador de opinião, o papel do professor vai além dos muitos fatores técnicos, sendo também seu dever zelar pela ética na construção dos sujeitos de nossa sociedade.

Segundo Brookfield (1990; 2005), pensar criticamente é uma função intelectual que decorre de uma necessidade política e de sobrevivência pessoal. É um processo de envolvimento em todas as atividades educacionais, com vistas a alcançar a solução de problemas por meio de alternativas abertas e contextualizadas, tendo claras as diferenças sobre o que se ensinam, o porquê se ensina e, ao mesmo tempo, comunicando aos alunos o propósito e o valor do ensino.

Sobre a importância da intervenção do professor na aprendizagem, Rosa (2001) apresenta um artigo que aborda o estudo sobre a relação entre o trabalho pedagógico e a socialização, realizado em uma escola comunitária e em uma escola pública, em que afirma que:

Uma das questões da maior relevância para o desenvolvimento da educação moral na escola é a capacidade da escola e a habilidade do professor de fazer com que o aluno se exercite, com o assessoramento do professor, no tratamento de problemas morais. (ROSA, 2001, p. 117)

Desse modo, o letramento não tem mais o sentido estrito de codificação e decodificação, ou a representação escrita de um sistema oral. A alfabetização coloca os alunos simultaneamente no universo social das representações, no universo do conhecimento e no da experiência. Compete não apenas compreender o processo de leitura e escrita, mas também a aplicação dessas práticas na vida cotidiana para desencadear o conhecimento e a ação do aluno. Alfabetizar em sentido estrito significa conhecimento de letras e fonemas, que é a conexão do código que torna o aluno proficiente em leitura e escrita.

**7. A crônica como gênero literário para a construção do letramento crítico em sala de aula**

Muitos professores de literatura acreditam que a crônica pode ajudar a formar leitores literários no espaço escolar e que a utilização desse gênero auxilia os alunos a desenvolverem hábitos e tendências de leitura literária, ajudando-os a tornarem-se leitores proficientes não apenas na escola, mas também em suas vidas cotidianas fora da escola. Segundo Filipouski e Marchi (2009):

[...] a crônica é um gênero de texto que procura contar ou comentar histórias da vida cotidiana. Histórias que podem ter acontecido com todo mundo, até com você mesmo, com pessoas de sua família ou com seus amigos. Mas uma coisa é acontecer, outra coisa é escrever aquilo que aconteceu. Então você deve ter notado também, ao ler a narração do fato, como ele ganha um interesse especial, produzido pela escolha e pela arrumação das palavras. A crônica nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Isso sem dúvida é literatura. (MARCHI, 2009, p. 85)

Em outras palavras, o cronista conta coisas que podem ter acontecido com qualquer um. Porém, o que faz a crônica ser um texto literário é a escolha das palavras, o modo como as palavras são organizadas no texto, levando-nos à melhor compreensão do que se passa dentro e fora de nós próprios.

Pelo fato de serem textos curtos e de linguagem mais acessível, as crônicas fazem-se mais facilmente presentes no cotidiano da sala de aula. Além disso, os temas abordados são atuais e podem ser encontrados em diversos canais de comunicação. Como apontado adiante, há muitas crônicas em livros didáticos para todas as séries do Ensino Fundamental II.

Os assuntos por vezes são tratados com humor, por vezes liricamente e por vezes ainda em ambas as formas. Essas características auxiliam os alunos a refletirem sobre seus comportamentos e suas vidas. Conforme afirma Candido (1995), a literatura contribui para humanizar o leitor.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995 p. 180)

E pensar nesse poder humanizador da literatura em que se estuda a história estimula a reflexão e contribui para nos humanizar na preparação para a vida.

E por tratar dos mais diversos temas possíveis, utilizando uma linguagem mais próxima da oralidade, é que ela se aproxima do leitor de nosso tempo. Porém, isso não significa que o cronista utilize a linguagem de qualquer maneira, mas que ele opte, na maioria das vezes, por não usar a rigidez da norma culta, lançando mão de uma linguagem que tem mais a ver com o cotidiano de seus leitores e pode, nesse sentido, chamar mais a atenção por meio de recursos linguísticos muito bem aplicados pelos cronistas.

Para Cosson (2014), a crônica ajuda no processo de letramento por suas características já elencadas aqui. Segundo ele, o aprendizado da literatura no ensino fundamental deve comportar textos que sejam “curtos, contemporâneos e divertidos”. Não é sem razão, portanto, que “a crônica é um dos gêneros favoritos da leitura escolar” (COSSON, 2014, p. 21).

O trabalho estético com a linguagem é outra característica da crônica que a torna um gênero interessante ao trabalho em sala de aula. Os temas são discutidos a partir da subjetividade do autor, frequentemente usando imagens metafóricas e poéticas, exceto nos textos em que os assuntos são abordados com humor e ironia. Trabalhar com textos curtos, como crônicas, não significa que o professor trabalhe com textos rasos ou sem complexidade.

Os professores podem obter uma abordagem mais dinâmica e um aprofundamento das questões a serem trabalhadas utilizando este tipo de texto. Já o aluno, de maneira geral, demonstra maior interesse se houver textos que façam sentido para ele e que tratem de temas relevantes para o seu dia a dia.

### ***7.1. Análise e discussão dos dados do corpus***

Neste item, apresentamos a metodologia aplicada nas análises do texto de crônica elaborado por um dos alunos de modo a evidenciar a presença da construção crítica que este aluno apresentou. Para tanto, levamos em consideração o discutido nas reflexões anteriores.

## **7.2. Contexto da pesquisa e coleta de dados**

Na realização desta pesquisa, utilizamos amostras de textos coletados em sala de aula, de uma 9ª série do Ensino Fundamental II, pertencente ao gênero crônica, trabalhado na modalidade escrita.

Ao utilizarmos o gênero crônica, aproximamos a prática cotidiana do aluno, por ser subjetiva, de caráter observador e descritivo, assim há uma forma de despertar no aluno o interesse pela escrita crítica de algum assunto que ele vivenciou ou presenciou em seu meio de convívio.

Para a utilização desta pesquisa em sala de aula utilizamos a sequência didática de Dolz e Schneuwly onde segundo os autores esta metodologia consiste em um conjunto sistematizado de atividades a partir de um gênero textual, seja oral ou escrito. Tal prática auxilia na capacitação do aluno para a utilização dos variados gêneros textuais, o que promove a facilitação do seu desempenho nas atividades escritas. Com isso, vimos que seria a sequência didática mais apropriada para que os alunos pudessem aplicação a escrita das crônicas.

Selecionamos para constituir o *corpus* desta pesquisa, após as leituras que embasaram teoricamente nossos conhecimentos sobre a construção crítica com o aprendizado da crônica literária, 1 (uma) redação com a escrita e sua reescrita resultante de uma oficina de produção textual, realizada com adolescentes dos 9º, do Ensino Fundamental II, na faixa etária de 14 e 15 anos, em uma escola pública situada em Belo Horizonte - MG. Os textos selecionados para tal contexto pertencem ao gênero crônica.

Nesta parte do trabalho apresentamos as análises das marcas no texto da construção crítica dos alunos com a coleta da escrita de um texto de uma crônica. Nosso intuito neste trabalho é demonstrar a presença da construção crítica do aluno em seus textos escritos.

Figura 1: Texto 1 – Crônica Escrita.

Em caso de urgência procure um hospital

- Jerônimo, chuta a bola pra mim logo moleque, larga de ser egoísta.
- Calma Getúlio, só estou ouvindo a conversa de nossas mães.
- Está conversando sobre o que moço? Larga de ser curioso bicho.
- É, vou parar mesmo pois a conversa delas está chata.
- Agora até eu fiquei curioso Jerônimo, elas estão falando de quê?
- Então Getúlio, elas estão falando mau do hospital da minha cidade, como sempre e como todos dessa cidadezinha de merda, sempre reclamam dessa droga de hospital.
- Pois então Jerônimo, mas realmente essa cidadezinha aqui precisa de um hospital melhor, já pensou se alguém aqui sofrer algum acidente e precisar de atendimento às pressas? O que vai acontecer?
- Então Getúlio, sinceramente não sei responder, mas acho que pode até acontecer uma merda grande, infelizmente os políticos dessa cidadezinha são uns incompetentes que não fazem nada além de lutarem pelo aumento de seus salários. Eles poderiam muito bem lutarem pela melhoria de nosso querido hospital.
- Vamos esquecer isso Jerônimo e continuar brincando, a propósito, me passa a bola.
- Tá bem Getúlio, tá bem, toma a bola!
- Getúlio, acho que fui picado por um escorpião no pé, estou vendo de aqui todo machucado e meu pé está doendo.
- Meu Deus! Vou logo meu primo, vamos chamar a sua mãe para irmos ao hospital da cidade.

Fonte: próprios autores.

Figura 2: Texto 2 – Crônica Reescrita.

Em caso de urgência procure o hospital

- Jerônimo, chuta a bola pra mim cara, deixa de ser egoísta.
- Calma Getúlio, só estou ouvindo a conversa de nossas mães.
- Está conversando sobre o que moço? Deixa de ser curioso!
- É, vou parar mesmo, a conversa delas está superchata.
- Agora até eu fiquei curioso Jerônimo, elas estão falando sobre o quê?
- AFFF! Então Getúlio, elas estão criticando o hospital da minha cidade, como sempre e como todos dessa cidadezinha fuzuta, sempre reclamam dessa droga de hospital.
- Pois é Jerônimo, mas realmente essa sua cidadezinha aqui precisa de um hospital melhor, já pensou se alguém aqui sofrer algum acidente e precisar de algum atendimento às pressas? O que vai acontecer?
- É Getúlio, sinceramente não sei responder, mas acho que pode até acontecer uma baita tragédia, infelizmente os políticos dessa cidadezinha são uns incompetentes que não fazem nada além de lutarem pelo aumento de seus salários. Eles poderiam muito bem lutar pela melhoria de nosso hospital.
- Ah! Vamos esquecer isso Jerônimo e continuar brincando, a propósito, me toca a bola logo.
- Tá bem Getúlio... tá bem... toma a bola.
- Getúlio, acho que fui picado por um escorpião no pé, estou vendo o aqui todo massagado e meu pé está doendo muito.
- Meu Deus! Vou logo meu primo, vamos chamar a sua mãe para irmos ao hospital da cidade.

Fonte: próprios autores.

Figura 3: Texto 3 – Produção Final.

**EM CASO DE URGÊNCIA PROCURE O HOSPITAL**

- Jerônimo, chuta a bola para mim cara, deixa de ser egoísta!

- Calma Getúlio, só estou ouvindo a conversa de nossas mães.

- Estão conversando sobre o que moço? Deixa de ser curioso.

- É, vou parar mesmo, a conversa delas está superchata.

- Agora até eu fiquei curioso Jerônimo, elas estão falando sobre o que?

- AFF, então Getúlio, elas estão criticando o hospital da minha cidade, como sempre e como todos dessa cidadezinha fajuta sempre reclamam dessa droga de hospital.

- Pois é Jerônimo, mas realmente essa sua cidadezinha aqui precisa de um hospital melhor, já pensou se alguém aqui sofrer algum acidente e precisar de algum atendimento às pressas? O que vai acontecer?

- É Getúlio, sinceramente não sei te responder, mas acho que pode até acontecer uma baita tragédia, infelizmente os políticos desta cidadezinha são uns incompetentes que não fazem nada além de lutar pelo aumento de seus salários. Eles poderiam muito bem lutar pela melhoria de nosso hospital.

- Ah! Vamos esquecer isso Jerônimo e continuar brincando, a propósito, me toca a bola logo.

- Tá bem Getúlio... Tá bem...toma a bola.

- Getúlio, acho que fui picado por um escorpião no pé, estou vendo-o aqui todo massagado e meu pé está doendo muito.

- Meus Deus! Vem logo meu primo, vamos chamar a sua mãe pra irmos para o hospital da cidade.

Fonte: próprios autores.

Diante dos Texto 1, 2 e 3 percebemos as seguintes características de acordo com esta pesquisa:

- a) O aluno intitula o texto com um título que deixa dúvida (sarcasmo);
- b) O texto apresenta as características de uma crônica narrativa curta com temática cotidiana envolvendo personagens, tempo, espaço, narrador e enredo;
- c) Durante a leitura do texto percebemos um linguajar tipificado de um determinado lugar (no caso tipificando a oralidade regional de Minas Gerais);
- d) Os dois personagens principais, Jerônimo e Getúlio, dialogam sobre a conversa das mães sobre a crítica ao hospital da cidadezinha EM que estão naquele momento, porém após a discurs-



são não dão mais importância ao assunto da crítica ao hospital da cidadezinha que as mães estavam falando.

- e) O texto termina com uma construção crítica sarcástica onde o aluno que a escreveu, demonstra a sua criticidade com o enredo da sua crônica de certa forma à carência da saúde pública.

Após a análise das crônicas selecionadas, percebemos que os alunos demonstraram de forma coerente e significativa os ensinamentos obtidos nas aulas de literatura para que pudéssemos chegar ao resultado desta pesquisa. Com os ensinamentos repassados aos alunos onde seguimos a sequência didática de DOLZ, conseguimos fazer com que os alunos demonstrassem um processo de construção crítica de acordo com o ensino da disciplina de literatura, como exemplo disso, observamos as crônicas apresentadas acima para coleta de dados onde o aluno selecionado seguir passo a passo da sequência didática de modo a chegar ao objetivo final desta pesquisa como dito acima.

### **8. Considerações finais**

Nesta pesquisa demonstramos como a literatura no Ensino Fundamental pode ser ensinada para ajudar no processo de construção crítica dos alunos em uma escola pública da cidade de Belo Horizonte-MG. Além disso, por meio deste estudo tivemos a oportunidade de reconhecer o papel do professor como mediador deste processo de construção de criticidade dos alunos no ambiente escolar.

Percebemos que com uma sequência didática bem aplicada pelo professor de literatura em sala de aula, o aluno pode, de acordo com o aprendizado de um tipo de gênero textual escolhido, aprender, compreender e produzir um texto demonstrando a sua construção crítica de acordo com o ensino-aprendizagem da literatura.

Observamos que alguns dos alunos demonstraram de acordo com seus textos produzidos, coerência e coesão textual, aplicação de uma escrita com erros gramaticais, mas que já nos textos reescritos puderam fazer as devidas correções gramaticais de acordo com a norma culta da língua portuguesa. Observou-se também que a maioria dos alunos se sentiu estimulado pelas aulas de literatura, por ter se trabalhado na sequência didática na sala de aula crônicas de dois escritores mineiros, em que, no

decorrer do trabalho, também se sentiram mais atraídos pelo texto literário conquanto houve demonstração de um pouco da cultura regional do estado de Minas Gerais.

Finalmente, ao examinarmos as crônicas escolhidas entre todas as coletadas para os dados a serem analisados neste artigo, observamos que a pesquisa conduzida em sala de aula alcançou o sucesso esperado. O foco principal era estimular os alunos do Ensino Fundamental II durante as aulas de literatura, ensinando-lhes um gênero textual específico, a crônica. Foi essencial a execução de uma sequência didática coerente pelo professor, permitindo que os alunos desenvolvessem uma abordagem crítica tanto no ambiente escolar como em suas vidas fora da escola. Eles trouxeram situações de suas vidas cotidianas para enriquecer a discussão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e Comentário*. Ensaio Sobre Literatura e Experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. *Crônica história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BROOKFIELD, S. *Becoming a Critically Reflective Teacher*. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1990.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995.

CARNEIRO, R. *Informática na educação: representações sociais do cotidiano*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. São Paulo: Artmed, 2000.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.G. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108

FERREIRA, N. S. C. *A gestão enquanto instrumento para a construção e qualificação da educação*. São Paulo, 2008.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. *A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura*. 1. ed. 3. impressão. Erechim: Edelbra, 2009.

FONSECA, Sandra Medeiros; MATTAR, João. Metodologias ativas aplicadas à educação a distância: revisão de literatura. *Revista Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais*, São Cristóvão-SE, 2017.

FONSECA, Glauce Vieira et al. *O gênero crônica na construção de leitores competentes e críticos: práticas de leitura em uma escola pública*. 2020. Disponível em: <https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/18779>. Acesso em 5 de agosto de 2023.

FONTEL, Emanuel da Silva. *O gênero crônica: um estudo sob o enfoque da teoria da estrutura retórica em interface com a linguística textual*. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-BAXMTT>. Acesso em 4 de agosto de 2023.

JANNUZI, Gilberta S. Martino. *Confronto Pedagógico: Paulo Freire e Mobral, Cortez & Moraes*, São Paulo, 1979.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso; DOMÁS, Milena Salles Marques; DA SILVA PESSANHA, Ketiley. A crônica em sala de aula: trabalhando com um gênero enorme. *Soletas*, n. 18, p. 7-23, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletas/article/view/7026>. Acesso em 4 de agosto de 2023.

ROSA, D. L. A contribuição da escola para a formação do sujeito moral. *Gestão em Rede*, Curitiba, n. 27, abr. 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Criticidade e leitura: ensaios*. São Paulo: Global, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento um tema em três gêneros*. 3. ed. 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2014.